



BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A PESQUISA-AÇÃO

BRIEF THEORETICAL CONSIDERATIONS ABOUT ACTION RESEARCH

BREVES CONSIDERACIONES TEÓRICAS SOBRE LA INVESTIGACIÓN ACCIÓN

Clarice Carolina Ortiz de Camargo, Guilherme Saramago de Oliveira, Heloisa Fernanda Francisco Batista

Palavras-chave
Metodologia de Pesquisa.
Pesquisa Qualitativa.
Pesquisa-Ação.

Resumo: Este artigo apresenta as concepções, objetivos, metodologias e técnicas da pesquisa-ação enquanto apêndice das pesquisas qualitativas de cunho social. De maneira sucinta reflete a relevância da pesquisa-ação na área educacional de modo a oportunizar investigações que entrelacem: o pesquisador, os sujeitos pesquisados e a realidade na busca de compreender/solucionar problemas que emergem do contexto educacional.

Keywords
Research Methodology.
Qualitative Research.
Action Research.

Abstract: This paper presents the concepts, objectives, methodologies and techniques of action research as an appendix to qualitative social research. Briefly, it reflects the relevance of action research in the educational area in order to provide opportunities for investigations that intertwine: the researcher, the researched subjects and the reality in the search to understand/solve problems that emerge from the educational context.

Palabras clave
Metodología de investigación.
Investigación cualitativa.
Investigación para la Acción.

Resumen: Este artículo presenta los conceptos, objetivos, metodologías y técnicas de la investigación acción como un apéndice de la investigación social cualitativa. En resumen, refleja la relevancia de la investigación acción en el área educativa para brindar oportunidades de investigaciones que se entrelacen: el investigador, los sujetos investigados y la realidad en la búsqueda de comprender / resolver problemas que surgen del contexto educativo.

* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia

Recebido em: 21-02-2021
Aprovado em: 04-07-2021
Publicado em: 27-12-2021

Pesquisas em educação: as contribuições das abordagens qualitativas

As pesquisas qualitativas defluem de investigações, de uma situação problema de cunho social e histórico, na coleta e análise de dados reais e concretos não estabelecendo uma pesquisa rígida, mas sim aquela que constantemente agrega novos elementos problematizadores capazes de modificar as interpretações iniciais. Nesta perspectiva, o pesquisador numa fundamentação geral e inicial faz constantes revisões e aprofundamentos escorado em literaturas anteriores busca a validação de novas teorias permeadas pela investigação, indagação, perguntas e dúvidas.

Triviños (1987) reflete que no cenário da educação, as pesquisas qualitativas estão enraizadas e correlacionadas ao campo da Antropologia privilegiado os contextos culturais e a subjetividade dos sujeitos com enfoques subjetivistas-compreensivistas e crítico-participativos que visam compreender a realidade social transformando-a em processos contextuais e dinâmicos.

Para o autor anteriormente mencionado, as pesquisas qualitativas em educação não precisam apoiar-se a questões estatísticas ou quantitativas para terem valor científico uma vez que, mediante forte aporte teórico são capazes de solucionar questões problematizadoras e construir conhecimentos científicos relevantes.

Outrossim, muitas informações sobre a cultura dos povos são percebidas pelos pesquisadores, não podendo ser transformadas em questões estatísticas, tendo um caráter etnográfico muito aceito nas investigações educacionais dada a relevância do enfoque de estudar a cultura, priorizar a postura atuante e participativa do investigador mediante o campo e os sujeitos pesquisados, conclusões e descrições reais e vivenciadas, ausência de hipóteses rígidas, autocorreção do método, adaptação as circunstâncias, etc.

A investigação de caráter qualitativo compreende a vida humana como uma atividade interativa e interpretativa, realizada a partir do contato das pessoas.

Os investigadores qualitativos [...] se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registros oficiais, os investigadores querem saber como, em que circunstâncias foram elaborados (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

No entendimento de Minayo (2009), as pesquisas qualitativas de cunho social, buscam compreender uma determinada situação social, fato, papel, grupo ou interação, bem como o

sentido de um fenômeno ao contrastar, comparar, reproduzir, catalogar e classificar o objeto do estudo de modo a imergir na vida diária do cenário escolhido por meio de uma interação contínua.

Ainda, Minayo (2005), a abordagem qualitativa propicia ao pesquisador trabalhar com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes presentes na realidade investigada, onde prevalece uma compreensão interpretativa da ação social.

Silva (2012) corrobora com Minayo (2005) diz que tal abordagem oportuniza uma relação dinâmica entre o pesquisador e os pesquisados numa interdependência que não se limita a dados isolados e ao sujeito investigado, não há neutralidade durante o processo investigativo. O pesquisador torna-se parte integrante do processo de conhecimento e interpretação de fenômenos, atribuindo-lhes significados.

Triviños (1987), a respeito das pesquisas de enfoque qualitativo afirma:

No campo dos que trabalham em enfoques qualitativos estas têm recebido outras denominações além de serem conhecidas como “estudos etnográficos”. A pesquisa qualitativa é conhecida também como “estudo de campo”, “estudo qualitativo”, “interacionismo simbólico”, “perspectiva interna”, “interpretativa”, “etnometodologia”, “ecológica”, “descritiva”, “observação participante” “entrevista qualitativa”, “abordagem de estudo de caso”, “pesquisa participante”, “pesquisa fenomenológica”, “pesquisa ação”, “pesquisa naturalista”, “entrevista em profundidade”, “pesquisa qualitativa e fenomenológica” e outras (TRIVIÑOS, 1987, p. 24).

Assim, tendo como premissa identificar e apresentar um tipo de pesquisa que contribua com a construção de ações coletivas e participativas, guiada à reflexão-ação transformadoras no campo da educação, bem como desenvolver e aprofundar conhecimentos acerca dos saberes e dos modos de construir práticas, registros e projetos interventivos. A pesquisa-ação apresenta-se com um desdobramento das pesquisas qualitativas que, mediante as características deste tipo de pesquisa (qualitativa) abarca-se no contexto educacional real, social e que oportunize a interação entre os sujeitos da investigação na construção de conhecimentos que permita a reflexão e a ação.

Numa abordagem investigativa científica, na pesquisa-ação se destaca a postura do pesquisador, que como ator, tem algo a “dizer” e “fazer” estabelecendo um papel ativo sob a realidade e os fatos observados. Neste sentido, a pesquisa-ação está aportada numa investigação da situação social, que não prioriza apenas as pessoas, mas, fundamentalmente a interação entre pesquisador-sujeitos-realidade em busca de construir um conhecimento que venha favorecer o pesquisador, os grupos pesquisados, pressupondo uma ação efetiva.

Pesquisa-ação: definições, características e objetivos

Para Miranda e Resende (2006) é possível agrupar o surgimento e a trajetória da Pesquisa-ação em dois grandes períodos. O primeiro período, de 1940 a 1960 com uma influência mais norte-americano e o segundo período, do final de 1960 até o presente momento, com uma perspectiva mais europeia, australiana e canadense.

Segundo estes autores, a pesquisa-ação é uma mosaico de concepções substanciada na abordagem qualitativa nas ciências sociais, justificando assim seu conceito e explicação metodológica assim como suas vinculações metodológica.

Desse modo, Thiollent (1986) assevera que a Pesquisa-ação,

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

Neste sentido, a pesquisa-ação é entendida pelo autor como uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Desta interação busca-se elencar problemas a serem pesquisados e soluções a serem encaminhadas.

Miranda (2012, p. 25) corrobora com Thiollent (1986) e cita que se trata de uma “[...] modalidade de investigação que articula dialeticamente pesquisa e ação e tem por finalidade transformar a realidade a partir da resolução de problemas. Nessa perspectiva, novos conhecimentos são produzidos”.

A Pesquisa-ação visa articular a relação entre a teoria e a prática no processo de construção de conhecimento, de modo que a ação se converte em intervenção social possibilitando com isso uma efetiva atuação sobre a realidade estudada.

Vincula-se à Pesquisa-ação à ideia de mudança a transformação, na identificação e resolução de problemas que emergem da sociedade. O objeto se constitui uma totalidade que se conecta e sintetiza sentidos e significados, com isso, busca dar significado à realidade vivida mediante categoria interpretativa.

Diante disso, a Pesquisa-ação pode ser abordada no aspecto microsocial ou macrossocial, tendo uma perspectiva mais explicativa (experimental) ou mais compreensiva (fenomenológica ou dialética).

O uso da Pesquisa-ação surgiu da lacuna existente entre teoria e prática, com a característica de poder intervir no decorrer do processo de forma

inovadora e não apenas como mais uma metodologia, cuja recomendação se dá ao final de uma pesquisa. Ela consiste em organizar a investigação em torno da concepção do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada (TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 15).

Partindo da premissa que pesquisadores e demais elementos da pesquisa estão imbricados no processo, Barbier (2002, p. 117) reitera a responsabilidade de todos os agentes envolvidos nesse conjunto, ou seja, na transposição da cientificidade para uma “[...]reconstrução racional pelo ator social” da própria realidade, em um movimento espiralizado voltado sempre para a ação”.

O objetivo da investigação não é constituído apenas pelas pessoas, mas pela situação social ou pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nessa situação. A partir de tal identificação, busca-se um acompanhamento das decisões e ações e uma ampliação do conhecimento e o nível de consciência das pessoas, como apresenta a figura abaixo.

Figura 1: Trajetória da pesquisa-ação



Fonte: Autoria própria.

Em referência a figura apresentada, Thiollent (1986) apresenta os principais aspectos e estratégias metodológicas da Pesquisa-ação, sendo:

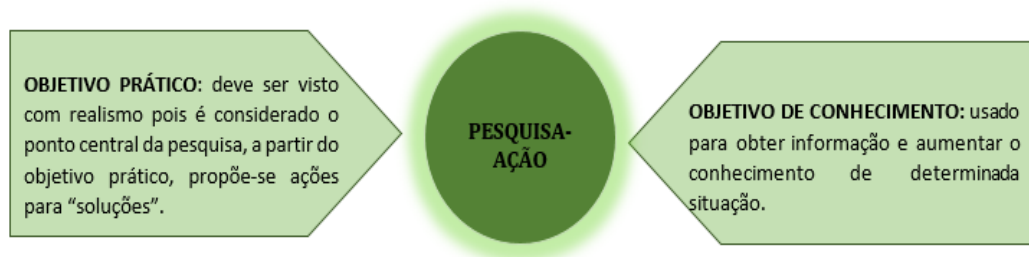
- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;

- d) o objetivo da Pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, o acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Vale destacar a natureza argumentativa das formas de raciocínio que opera uma concepção de Pesquisa-ação. Minayo (2009) destaca que a pesquisa qualitativa pode ser dividida em três partes sendo 1) fase exploratória; 2) trabalhos de campo e 3) análise e tratamento do material empírico documental.

Deve-se ter em mente em cada fase da pesquisa-ação são os objetivos que oferecem direcionamento ao ato de pesquisar, dentro de duas dimensões:

Figura 2: Dimensões dos objetivos.



Fonte: Autoria própria.

Quanto aos objetivos, eles possuem uma função instrumental ou de tomada de consciência como cita Thiollent (1986), esteja a pesquisa limitada a resolver um problema de ordem prática ou técnica, seja de desenvolver a consciência de uma coletividade em vista aos problemas apresentados.

De acordo com Gil (1987), Miranda (2012), Longarezi e Silva (2012) a pesquisa-ação é dinâmica, flexível, participativa, coletiva e composta por diversas fases como fase exploratória; análise do problema e das principais características da população envolvida, identificando suas expectativas e interesses; formulação do problema; construção inicial de dados; planejamento de ações; contratualização; participação de todas as etapas e ações; responsabilidades distribuídas; construção de hipóteses; elaboração coletiva e participativa de diretrizes de pesquisa e de ação; análise e interpretação de dados; sistematização e avaliação dos dados obtidos no decorrer da pesquisa e; divulgação dos resultados sendo que as projeções podem ser modificadas no decorrer das fases, de modo espiralado e em conjunto, à

critério dos participantes envolvidos, como apresenta o quadro abaixo as etapas da pesquisa-ação assim como a atuação esperada em cada etapa.

Quadro 1: Etapas e ações na pesquisa-ação.

FASE EXPLORATÓRIA	Consiste em descobrir o campo de pesquisa, os pesquisados, as expectativas, o levantamento dos problemas prioritários e possíveis ações, levantamento quanto a recursos pessoais e financeiros.
TEMA DA PESQUISA	Definição do problema prático com a seleção das áreas de conhecimento relevantes.
COLOCAÇÃO DOS PROBLEMAS	Definição da problemática que se pretende resolver dentro de um campo teórico e prático.
LUGAR DA TEORIA	Articular dentro de uma problemática o referencial teórico, ou a teoria, irá gerar ideias, hipóteses ou diretrizes orientadoras da pesquisa.
HIPÓTESES	São suposições formuladas pelo pesquisador a possíveis soluções do problema de pesquisa, oportuniza identificar informações, organizar e direcionar a pesquisa.
SEMINÁRIO	Consiste em examinar, discutir e tomar decisões a cerca da investigação, elaborando diretrizes.
CAMPO DE OBSERVAÇÃO, AMOSTRAGEM E REPRESENTATIVIDADE DE QUALITATIVA	Quando um campo de observação delimitado é extenso ou grande, há a necessidade de observar uma amostragem que representa os sujeitos pesquisados assim como a representatividade, que não necessariamente esteja ligada a índices numéricos mas sim, a interesses de um grupo.
COLETA DE DADOS	Os dados são coletados mediante observação e de técnicas como entrevistas coletivas ou individuais, questionários, análise de documentos que possibilitam a análise, discussão e interpretação por parte do(s) pesquisador (es).
APRENDIZAGEM	A aprendizagem está associada a investigação, uma vez que as informações coletas orientam decisões e ações.
SABER FORMAL/ SABER INFORMAL	Visa estabelecer a comunicação entre os especialistas/pesquisadores e os interessados por meio da comparação de temáticas e mapear os dois universos em busca de intercompreendê-los.
PLANO DE AÇÃO	Corresponde ao que precisa ser feito para solucionar determinado problema sob um conjunto de objetivos na forma de uma ação planejada realizada por meio da análise, deliberação e avaliação.
DIVULGAÇÃO EXTERNA	O retorno é importante para estender o conhecimento, conhecer os resultados da pesquisa, que por sua vez, poderá gerar reações e contribuir para a dinâmica da tomada de consciência e eventualmente, sugerir um novo ciclo de investigação.

Fonte: Autoria própria baseada em Thiollent (1986).

Na pesquisa-ação é fundamental planejar um “ponto de partida e de chegada”, sabendo que durante o processo da pesquisa, pode haver uma multiplicidade de circunstâncias que irão desencadear ajustes e novos planejamentos para que se atinja a intencionalidade da pesquisa.

Em relação às hipóteses, na pesquisa-ação estas operam como instruções que apontam e delimitam o interesse da investigação definindo os problemas que deverão inicialmente serem considerados como suposições ou objeto de verificação, ou seja são flexíveis.

É importante destacar também a função política da Pesquisa-ação frequentemente pensada enquanto um instrumento de investigação e ação à disposição dos grupos e classes sociais populares.

Com isso, para além de uma abordagem metodológica, caracteriza-se de um posicionamento diante de questões epistemológicas fundamentais, como a relação entre sujeito e objeto, teoria e prática, reforma e transformação social.

As contribuições da Pesquisa-ação na área de Educação

A pesquisa-ação é considerada uma estratégia que agrega vários métodos e técnicas de investigação numa estrutura coletiva e participativa na captação de informação. Neste sentido, enquanto metodologia tem a função de orientar as atividades dos pesquisadores pautando as decisões em princípios de cientificidade, detalhando cada técnica que auxilia na pesquisa que possibilitarão a coletar e interpretação de dados, resolver problemas e organizar ações.

A pesquisa-ação oportuniza uma discussão essencial no âmbito educacional acerca da conexão entre teoria e prática. Assim, a ação do investigador produz reflexão e conhecimento propiciando uma intervenção social na realidade estudada.

O cenário educativo precisa ser compreendido a partir das relações estabelecidas entre concepções, crenças, histórias e o meio cultural e social.

[...] essas relações repousam em concepções, crenças, histórias de vida e outros processos emergentes no processo relacional, que geram as escolhas e opções a serem, necessariamente feitas. Por exemplo, as concepções do professor sobre Educação, sobre quem são e como pensam os alunos e quais suas possibilidades é sem dúvida um grande balizador da forma como as relações são constituídas e de como e porque os objetivos, conteúdos e métodos são selecionados. Compreender isso ajuda-nos a tecer outras informações pois o eixo do processo ensino-aprendizagem passa a ser pensado a partir de significações e entrelaçamentos que o professor faz entre o seu conhecimento sobre o aluno, sobre si mesmo e sobre o próprio conhecimento a ser explorado, incluindo também o contexto vivido por ele (TACCA, 2006, p. 46-47).

As pesquisas qualitativas auxiliam na compreensão dos fenômenos relacionados ao cotidiano escolar, propiciando uma articulação entre teoria e prática. Com isso, a partir da identificação das definições, finalidades e objetivos da pesquisa qualitativa tipo Pesquisa-

ação, esta se apresenta enquanto uma possibilidade profícua no campo da educação pois favorece retratar o processo das relações humanas na sua dinamicidade, interação e interpretação, e desenvolver a construção e a análise dos dados de modo contínuo e indutivo.

Para Minayo (2009), este tipo de pesquisa possibilita que pesquisador(es) e sujeitos da pesquisa dialoguem com/em todas as etapas, processos e análises dos dados bem como construam sentidos e significados subjetivos próprios dos fenômenos educativos.

Silva (2012), Miranda (2012), Longarezi e Teixeira (2012), apresentam formulações a respeito da utilização da Pesquisa-ação no campo da educação, bem como, divulgações de resultados obtidos por meio desta investigação com destaque para educação básica, universitária, formação inicial, continuada e permanente, dentre outros.

Para Longarezi e Silva (2012, p. 31) trata-se de uma “[...] pesquisa como aquela que emerge na realidade e, em seu próprio processo, transforma-a, transformando”.

Complementando as ideias de Longarezi e Silva (2012), Miranda e Resende (2006, p. 515) discorrem que a finalidade da teoria educativa seria a de guiar professores em suas práticas no indicativo de quais ações quando exercidas por eles, oportunizam a solução de problemas educativos. Neste sentido, o desenvolvimento deste tipo de pesquisa é muito favorável e apresenta grandes vantagens no campo da educação.

Contudo, as autoras destacam também a importância de pesquisadores/as e sujeitos participantes da pesquisa atentarem-se para evitarem dois reducionismos considerados graves por elas: o praticismo e a instrumentalização. Para isso, é importante compreender o aspecto cíclico da Pesquisa-ação sem perder de vista seu rigor científico.

[...] se deve propor a teoria efetivada como prática, sobretudo quando aquela exerce seu vigor crítico: crítica da sociedade, das reformas educacionais, das políticas públicas, dos conteúdos ensinados, das práticas de gestão, do discurso educacional, das teorias adotadas, da prática cotidiana. Não há dúvida de que o ponto de partida e de chegada dessa crítica seja a prática. Mas não há crítica possível sem a mediação da teoria (MIRANDA; RESENDE, 2006, p. 516-517).

Em relação às fases da pesquisa o primeiro ponto a ressaltar é quanto à importância de definir coletivamente nas instituições de ensino quais serão os procedimentos que envolvem éticas de conduta (recolhimento das autorizações dos participantes, Conselho de Ética, dentre outros).

Na fase exploratória, a proposta é que haja um diagnóstico inicial, com foco na situação atual das realidades, com o objetivo de levantar informações sobre quem são as pessoas envolvidas no projeto; quais são seus anseios, expectativas, necessidades; quais são as

concepções de ensino, aprendizagem, sociedade, permeiam esse coletivo; e de que modo a implementação do projeto ocorrerá. Nesta fase, é importante a análise do problema e das principais características da população e a construção coletiva da formulação do problema.

Para o levantamento desses dados, há uma diversidade de procedimentos que podem contribuir como, aplicação de questionários, rodas de conversa grupo focal, entrevistas, dentre outros, contudo, destaco o questionário e rodas de conversa.

Por meio das perguntas do questionário, pode-se identificar contextos e concepções vigentes no *locus* da pesquisa. Para Gil (1987) o questionário é uma técnica de investigação muito importante para a obtenção de dados nas pesquisas sociais e tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Quanto às rodas de conversa, estas se configuram como uma importante e permanente ação ao longo de todo o projeto, Waarschauer (2001) discorre que é por meio desta técnica entre os/as participantes do projeto que serão viabilizados: reflexão coletiva sobre teorias e práticas, espaços para diálogo, questionamentos, reflexões e vivências com qualidade de um estudo orientado pela valorização de saberes e linguagens plurais.

Por meio das rodas de conversa, é possível desenvolver e favorecer o espaço-tempo de reflexão e troca de ideias, com vista a compreender as necessidades, desenhar projetos interventivos conjuntos que objetivam contribuir com os processos de ensino e aprendizagem das crianças, a partir da socialização e sobre experiências didáticas e investigações científicas no campo da Educação.

A fase do planejamento e a fase da ação também devem ser construídas coletivamente por meio de rodas de conversa, observação participante, entrevistas abertas, sistemas conversacionais e registros. Nesta fase, é importante prever um tempo considerável para o planejamento de ações a contratualização entre todos/as, a participação de todas as etapas e ações, a distribuição de responsabilidades e a elaboração coletiva e participativa de diretrizes de pesquisa e de ação.

Nessa fase a técnica da observação participante pode ser interessante, pois, conforme conceitua Moreira (2002, p. 52), tal técnica possibilita “[...] uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

A entrevista aberta possibilita ao pesquisador coletar/construir dados em diversos espaços da escola, gravados em som ou vídeo, cartas, fotografias, entre outros. Além das

entrevistas abertas informais, é pertinente considerar também a utilização das entrevistas semiestruturadas, por permitir flexibilidade durante a entrevista em restringir ou acrescentar outras perguntas que não foram previstas pelo pesquisador.

Outra possibilidade, que amplia mais as possibilidades da entrevista aberta são os sistemas conversacionais, pois de acordo com Muniz (2015),

[...] não se espera apenas respostas dos participantes, mas insere-os em situações que demandam reflexão. Na mesma direção, a dinâmica conversacional, com foco em temas abertos, oportuniza a expressão dos participantes em seu caráter ativo em um processo que os impliquem em transitar pela trama complexa de suas experiências subjetivas (MUNIZ, 2015, p. 106).

Diante do exposto, Zabalza (2006) considera-se importante considerar o auxílio de câmera digital, filmadora, gravador de som para o registro na forma de notas de campo com o objetivo de que tais documentos/gravações sejam transcritas e analisadas coletivamente. Se entende como procedimento de registro a interpretação reflexiva, não se restringindo a uma mera transcrição de informações.

Por fim, na fase de avaliação, o foco é a análise e interpretação de dados/fatos, a sistematização e a avaliação dos dados/fatos obtidos no decorrer da pesquisa. Nesta fase, conta-se com a partilha de experiências realizadas pelos participantes em seus contextos de atuação no projeto, a revisita às vivências na formação, na intervenção e na ação-reflexão e a divulgação dos resultados obtidos, tendo como parâmetro os objetivos construídos coletivamente.

Nas fases de planejamento, ação e avaliação pode-se fazer uso dos dados construídos para que retroalimente novos planejamentos, novas ações e novas avaliações. Nesse sentido, a triangulação dos dados pode trazer contribuições, a fim de reiterar o contexto social e garantir o sentido e o significado de que estão imbuídas as representações dos participantes.

Destaca-se que a triangulação nos permite cruzar diferentes dados e pontos de vista sobre um mesmo objeto e, de forma contextualizada, identificar a convergência, seja de natureza quantitativa ou qualitativa (CRESWELL, 2007).

A identificação da diversidade de técnicas e procedimentos de pesquisa e a escolha de sua utilização são necessárias pois as técnicas aplicadas nem sempre são suficientemente capazes de abarcar todos os fenômenos.

Ao analisarmos as interrogações a respeito da Pesquisa-ação e de sua influência sobre os sujeitos, refletimos que essa não cria o homem, mas o ajuda a olhar para si mesmo como responsável pelo desenvolvimento da sua própria história. A Pesquisa-ação, sem dúvida, favorece o imaginário

criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana, o seu amadurecimento e a descoberta do seu entendimento sobre a realidade, ao mesmo tempo em que se abre para a filosofia de vida e para as dimensões particulares da natureza humana. Concluímos, dessa forma, que é preciso colocar a pesquisa ação como um modelo aberto e dialético que se situa e organiza-se em torno dos sujeitos de um determinado grupo, colocando-os como partícipes na resolução dos problemas que os afligem, servindo de guia para o pesquisador como instrumento de ação transformadora da realidade dos indivíduos em sociedade e da sua própria posição enquanto sujeito ativo dessa mudança (TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 21-22).

A Pesquisa-ação valoriza a participação, a autonomia, a autoria, a construção e a colaboração de todos os envolvidos nos processos educativos. No mesmo sentido, prioriza-se uma relação dialógica, problematizadora e emancipatória entre os sujeitos e os objetos de conhecimento. Com isso, a fundamentação teórica e a divulgação desse tipo de pesquisa que pode contribuir para a ampliação de possibilidades no campo da educação.

Concluindo

Ressalta-se que existe o dilema das possibilidades e condições do conhecimento que tem sido um impasse para o homem trazendo consigo diferentes propostas metodológicas, inclinações teóricas, concepções, subsídios diversos em distintos momentos históricos. Várias mudanças ocorreram com o passar do tempo, frente aos desafios do mundo globalizado as propensões e vertentes nas ciências sociais e humanas romperam com a epistemologia das ciências naturais.

A compreensão do mundo moderno organizou propostas inovadoras para o conhecimento da realidade. Nesta perspectiva, o objeto de pesquisa forma um todo, interligando sentidos e significados e explicitando processos em andamento. Destarte, o objeto é tomado como expressão objetivada de sujeitos humanos em condições históricas determinadas e elabora a síntese da experiência recriada pelo pensamento. A teoria e a prática estabelecem-se mutuamente, porque a objetividade histórica e não natural é, antes, produto de objetivacões humanas.

O debate que permeia as metodologias científicas acontece ainda hoje havendo divergência de opiniões e/ou argumentos. Pode-se dizer que a pesquisa-ação é fruto de propostas que apontam para pesquisas com enfoque qualitativo e uma forte vinculação teórico-metodológica e que provoquem uma intervenção social.

Quanto a pesquisa-ação é inegável a significância destas pesquisas investigações educacionais oportunizando interligar à realidade pesquisador – sujeitos pesquisados – situação real, estabelecendo um relacionamento íntimo entre sujeito e objeto, teoria e prática, reforma e transformação social. Nesse contexto, deve-se atentar para o risco dos reducionismos e mesmo para o perigo de se colocar expectativas muito elevadas em relação às mudanças almejadas.

Nesta perspectiva, chega-se a conclusão inicial que a pesquisa-ação assim como a educação é uma prática social que está estreitamente ligada às pesquisas qualitativas e a ciência social na constante articulação entre a teoria e a ação prática na construção do conhecimento, sendo uma relação natural nos espaços educacionais onde uma pesquisa transforma-se em ação e em intervenção social. Outrossim, prática-ação-pensamento são aceitos como constitutivos da pesquisa que considerando a intervenção social como ponto focal e existencial da pesquisa-ação.

Referências

- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília, DF: Plano, 2002.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1987.
- LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. A dimensão política da pesquisa-formação: enfoque para algumas pesquisas em educação. In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (Orgs.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012.
- MINAYO, M. C. S. *et al.* **Avaliação por triangulação de Métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2005.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.
- MIRANDA, M. I. Pesquisa-ação escolar: uma alternativa de enfrentamento aos desafios educacionais. In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (Orgs.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre a Pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 33, p.511-518, set./dez. 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson, 2002.

MUNIZ, L. S. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade da criança**. 2015. 314 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

SILVA, L. C. Pesquisa-ação: interfaces com a prática de ensino e o estágio supervisionado. In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (Orgs.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012.

TACCA, M. C. V. R. (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. *Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas*. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, SP, v. 07, n. 13, p.10-23, jan.-jun. 2015.

TEIXEIRA, G. F. M. A Pesquisa-ação como estratégia de formação e de desenvolvimento profissional de docentes universitários. In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (Orgs.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo, SP: Cortez, Autores Associados, 1986.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2001.

ZABALZA, M. Á. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)